



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

KÁTIA BARROS DE MACEDO

**MARCAS DA CULTURA BRASILEIRA NA TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA
INGLESA DO QUADRINHO *A TURMA DA MÔNICA***

CAJAZEIRAS-PB

2018

KÁTIA BARROS DE MACEDO

**MARCAS DA CULTURA BRASILEIRA NA TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA
INGLESA DO QUADRINHO A *TURMA DA MÔNICA***

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Inglesa.

Área de concentração: Estudos da Tradução

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

M141m Macedo, Kátia Barros de.

Marcas da cultura brasileira na tradução para a língua inglesa do quadrinho *a Turma da Mônica* / Kátia Barros de Macedo. - Cajazeiras, 2018.

37f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves.

Monografia (Especialização em Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Tradução. 2. Turma da Mônica - personagens. 3. Quadrinho. 4. Análise de personagens. 5. Monica's Gang. I. Alves, Francisco Francimar. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

KÁTIA BARROS DE MACEDO

MARCAS DA CULTURA BRASILEIRA NA TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA
INGLESA DO QUADRINHO *A TURMA DA MÔNICA*

Trabalho aprovado em: 22 / 05 / 2018

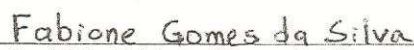
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves – CFP-UFCG
(Orientador)



Prof. Ms. Elinaldo Menezes Braga
(Examinador)



Prof. Ms. Fabiane Gomes da Silva
(Examinador)

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram a chegar até aqui. Família, amigos, professores,
colegas de turma e a Empresa Guanabara.

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho a todos que estiveram presente nessa jornada de força, coragem e fé. Quando decidi fazer esse curso, eu estava em um momento de reconstrução pessoal mas principalmente profissional, já fazia 4 anos que eu tinha finalizado meu curso de Letras e a oportunidade da especialização veio como algo a mais que eu já estava buscando a alguns anos. E minha sorte foi que encontrei profissionais maravilhosos no caminho, meus professores trouxeram muito conhecimento mesmo com alguns impasse desde greves a incompatibilidade de horários mas não afetou o fluxo do curso. Agradeço especialmente aos professores Daise e Francimar, respectivamente, por ter sido uma coordenadora maravilhosa e um orientador que me ajudou tanto.

Também dedico esse trabalho aos meus colegas de turma que foram tão prestativos comigo, pois boa parte da turma estudavam junta desde a graduação e a outra se conhecia e entendia o funcionamento da universidade por terem feito graduação lá também, então eu era nova ali no meio de todos por ser de Campina Grande. E o acolhimento foi imediato, serei muito grata por tudo isso. Levarei todos em um lugar especial no meu coração.

A minha família, principalmente meus pais por terem me ajudado a seguir com meus estudos proporcionando sempre que precisei de algo (sair 5 horas da manhã toda quinta para ir me pegar na rodoviária kkk), além de ter a paciência de me suportar quando tinha momentos de estresse seja por causa do curso ou até de trabalho.

Quero lembrar também meus amigos da minha Equipe de Nossa Senhora que esteve comigo desde o começo me dando força de continuar mesmo quando eu estava quase sem esperança de continuar. Nathalia e Anna Karenina por sempre me escutar e lembrarem das palavras de Deus e assim me fortalecer a cada viagem.

E o principal de todos, Deus que sem ele eu não teria conseguido fazer nada, as viagens que fiz nas madrugadas e nunca ter acontecido nada e sempre trazer a confiança de que tudo dá certo no final que é só crê que Ele proporciona.

Obrigada a todos!

RESUMO

Esse trabalho consiste numa análise de personagens da *Turma da Mônica* e os aspectos culturais transferidos para a tradução em língua inglesa, *Monica's Gang*. Através dos estudos de tradução e cultura à luz de autores como Jakobson (1959); Bassnett (1980); Jakobson (1959) Oustinoff (2011) entre outros, pudemos identificar marcas da cultura brasileira que foram mantidas na tradução para o inglês. Logo, as falas dos quatro personagens principais de *Monica's Gang* (Jimmy Five, Monica, Maggy e Smudge) foram comparadas com aquelas de a *Turma da Mônica* (Cebolinha, Mônica, Magali e Cascão) do cartunista Maurício de Sousa, para se tentar ver até que ponto as marcas nacionais foram mantidas na versão em língua inglesa.

Palavras-Chave: *Turma da Mônica*; *Monica's Gang*; Tradução cultural; Quadrinhos.

ABSTRACT

This work consists of an analysis about the translation of *a Turma da Mônica* and the cultural aspects translated to English, *Monica's Gang*. Through translation and culture studies from authors such as Jakobson (1959); Bassnett (1980); Oustinoff (2011); we could identify landmarks of Brazilian culture that was maintained on the English translation. Therefore, the dialogues from the four main characters from *Monica's Gang* (Jimmy Five, Monica, Maggy and Smudge) were compared to the ones from *A turma da Mônica* (Cebolinha, Mônica, Magali e Cascão) designed by the cartoonist Maurício de Sousa, trying to see where it will go the national landmark was maintained in English.

Keywords: Turma da Mônica, Monica's Gang, Cultural Translations and HQs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. O UNIVERSO DAS HQs	3
1.1. Percurso pela história das HQs	3
1.2. A turma da Mônica: um bestseller das HQs	7
2. TRADUÇÃO, CULTURA E QUADRINHOS	10
2.1. A influência da cultura no texto traduzido.....	10
2.2. O elemento cultural nas histórias em quadrinho.....	12
3. A CULTURA BRASILEIRA EM <i>MONICA'S GANG</i>	16
3.1. Análise dos quatro principais personagens de a turma da Mônica	16
3.2. Marcas culturais de a turma da Mônica em <i>Monica's gang</i>	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Com uma história de altos e baixos, os quadrinhos trouxeram grande inspiração para muitos autores e desenhistas. Mas só nos últimos 60 anos, vimos uma volta permanente e revigorante dos quadrinhos junto ao cinema, com as adaptações das editoras Marvel e DC Comics, além das já renomadas adaptações de clássicos como *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo pela editora Ática, e *A Odisséia* de Homero pela L&PM, e no Brasil com a ajuda do Programa Nacional Biblioteca da Escola, eles conseguiram mostrar sua verdadeira cara. Hoje em dia, os quadrinhos, apesar de toda a visão e repercussão, têm como uma das maiores exportações do país os já renomados produtos dos Estúdios Maurício de Souza, que desde 1959 vem crescendo e sendo renovado junto ao seu público, desde desenhos animados a mangás, passando por todos os produtos voltados ao público infantil, e que visam o desenvolvimento intelectual e motor das crianças.

Por muitas gerações, o tão conhecido quadrinho, *A turma da Mônica*, tem ajudado a construir uma visão de infância que faz com que as crianças brasileiras se identifiquem facilmente, e com sua tradução para o inglês, nos anos de 1980, essa identificação, certamente, também tem atingido crianças que falam e leem essa língua. Neste trabalho será analisado o aspecto cultural da identificação dos personagens em sua tradução para o inglês, apoiando-se na tradução interlingual discutida por teóricos como Jakobson (1959) e Nida (1964). Sendo assim, foram trazidas duas perguntas para nortear este trabalho:

1. Que construção ou reconstrução foi necessária para que os personagens, até então falantes de língua portuguesa, se tornassem falantes de língua inglesa, sem perder sua essência?
2. Podemos, através das características e diálogos dos personagens e da tradução, analisar se há alguma identificação entre esses personagens e as crianças nativas de língua inglesa?

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as marcas culturais brasileiras presentes na tradução de *Turma da Mônica* para a língua inglesa (*Monica's gang*). Como objetivo específico temos: comparar características marcantes de Jimmy Five, Monica, Maggy e Smudge com aquelas dos mesmos personagens do texto em língua portuguesa.

O capítulo 1 abordará a perspectiva histórica dos quadrinhos pelo mundo, desde sua queda até sua ascensão, até chegar ao Brasil, e também como ocorreu o crescimento dos

quadrinhos da *Turma da Mônica*. A discussão deste capítulo será baseada em estudiosos como Scott Mc Cloud (1993), Waldemiro Vergueiro (2005 e 2012) e Will Eisner (1999).

No capítulo 2 teremos o apoio de referências teóricas quanto aos estudos da tradução, como Jakobson (1959); Bassnett (1980); Nida (1964) e Oustinoff (2011); e principalmente da tradução interlingual e dos estudos culturais, propostos por Hawkes (1977) e Verneer (1984).

O capítulo 3 consiste em trazer a análise através do que foi discutido nos capítulos anteriores, as características culturais dos personagens e suas traduções para a língua inglesa. Este trabalho pretende deixar algumas questões para aprofundamento em trabalhos futuros, assim como a possibilidade de uma proposta de pesquisa de mestrado.

1. O UNIVERSO DAS HQs

1.1. Percurso pela história das HQs

As histórias em quadrinhos iniciaram sua popularidade na década 1830 a partir das tiras do personagem Mr. Obadiah Oldbuck escrito pelo quadrinista suíço Rodolphe Töpffer, que tem como uma das histórias principais, o personagem cortejando sua noiva, mas os quadrinhos não traziam tantos recursos, como a fala por exemplo. Vale observar que em 2017, os quadrinhos de Topffer ganharam versões brasileiras, segundo a Revista Cult (março/2017).

A HQ de forma mais moderna que conhecemos foi apresentada por Richard F. Outcault, em 1895, com o seu incrível *Yellow Kid*, que conta a história de um menino que mora nos guetos e sempre está vestido com um pijama amarelo. Ela foi a pioneira em conversas com o uso de balões sem a fala do personagem principal, mas sendo a comunicação por mensagens em seu pijama. Segundo o historiador e jornalista Álvaro de Moya, autor do livro *História da História em Quadrinhos*:

“A linguagem das HQs, com a adoção de um personagem fixo, ação fragmentada em quadros e balões de texto, surgiu nos jornais sensacionalistas de Nova York com o *Yellow Kid* (Menino Amarelo)” (MOYA apud Revista Mundo Estranho, 2011).

Na verdade, os quadrinhos começaram a se popularizar a partir dos anos 1930 com autores como o americano Walt Disney, o belga Hergé e o australiano Pat Sullivan. Em 1933 surgiu a primeira revista americana de quadrinhos, a *Funnies on Parade*. Depois vieram a *Famous Funnies*, *Tip Top Comics*, *King Comics*, e o *Action Comics*, nesta última surgiu o Super-Homem. Em *Detective Comics* surge o Batman, em 1939.

No começo dos anos 40 veio a *Classic Illustrated* idealizada por Albert Lewis Kanter, inicialmente publicada pela Elliot Publishing, e que desde 2007 passou a ser da Papercutz. As histórias nela contidas eram adaptações dos clássicos já conhecidos mundialmente, em forma de quadrinhos.

A Segunda Guerra Mundial veio para dar um dos grandes passos nesse gênero, pois a Marvel Comics criou, sob a chefia de Stan Lee e Jack Kirby, o Capitão América. O personagem, que tem o uniforme inspirado na bandeira americana e um escudo de um metal indestrutível, foi como uma personificação da luta dos povos livres contra o nazismo. Tal personagem tinha todas as características ideais de um americano, como senso de justiça,

liberdade e força para lutar pela preservação destes ideais contra os inimigos alemães. Também tivemos a criação de *The spirit* por Will Eisner, que ganhou um dos principais prêmios mundiais de quadrinhos. O trecho a seguir relata como esse prêmio chegou ao patamar de hoje em dia:

Quando Will nos abordou sobre começar o prêmio, no começo dos anos 1990, ele queria fazer para ser uma forma de reconhecer o papel importante que escritores de quadrinhos têm na indústria, nutrindo a relação entre criadores e seus leitores.² (Tradução nossa)

Por causa de toda essa popularidade, a justiça americana promoveu a censura contra os quadrinhos e com isso uma queda nesse gênero. Através do psiquiatra Frederic Wertham foi criada a ideia de que por terem tido a influência da escola de Frankfurt e por serem lidas só por crianças, as HQs foram consideradas responsáveis por influenciar na formação de jovens infratores, pois as imagens nelas contidas estariam associadas à construção mental do leitor. Logo, o Dr. Wertham teria feito um estrago devastador na indústria dos quadrinhos. (BAHIA, 2012)

De acordo com Mc Cloud, os quadrinhos tiveram uma grande ajuda da *Pop Art*, que tinha como um de seus conceitos fazer a ousada mistura de imagens e palavras, e assim houve um crescimento considerável do gênero. Segundo Bahia (2012), é importante notar que foi com os estudos culturais, na Inglaterra, que as HQs começaram a ser dignas de estudo. E aqui temos como um dos maiores nomes na arte sequenciada, Will Eisner, que após publicar suas *Graphic Novels* torna esse gênero interessante tanto popularmente quanto academicamente.

Hoje reverenciado como o grande mestre dos quadrinhos americanos, Will Eisner contribuiu significativamente para alçar as HQs à categoria de grande arte nos Estados Unidos. Apesar da legitimação dos quadrinhos estar longe de ser um processo finalizado, todos os fatores aqui citados auxiliaram no relativo reconhecimento e prestígio que as HQs têm alcançado nas últimas décadas (VERGUEIRO, 2005, 2010, RAMOS e FIGUEIRA, 2011).

Antes disso, em 1934, surgiu a DC Comics, que trouxe os primeiros heróis nacionais norte-americanos. Mesmo em ambientes fictícios, mas que lembravam muito as cidades reais, a Warner, uma produtora e distribuidora que fornece filmes e entretenimento televisivo nos EUA, não deixou de lançar e crescer com esses personagens.

Hoje em dia temos cartunistas como Frank Miller, Dan Jurgens, John Byrne, Grant Morrisson, Mark Waid, Kelley Jones, Jim Lee, Leph Loeb, Neil Gaiman, Alan Moore e outros que se firmaram e despontaram dentre os demais. Um dos principais temas dos quadrinhos atualmente é a biografia de personalidades mundiais e também as adaptações literárias para Graphic Novels.

No Brasil, os quadrinhos chegaram três décadas depois da criação do quadrinista Rodolphe Töpffer, e aqui tivemos como pioneiro o ítalo-brasileiro Angelo Agostini com *As Aventuras de Nhô Quim* (PATATI & BRAGA, 2006), título que também ficou conhecido como *Impressões de Uma Viagem à Corte*. Como os quadrinhos de Outcault, autor e ilustrador do *The Yellow Kid*, os de Agostini também ficaram conhecidos, pois eram publicados em jornais, e no Brasil, o *Nhô-Quim* podia ser encontrado no jornal *Vida Fluminense*.

Por causa do conteúdo adulto apresentado nesses quadrinhos, eles não eram recomendados para crianças. Foi só em 1905 que tivemos a criação de um dos mais famosos quadrinhos em formato de história e o primeiro voltado para crianças, *O tico-tico*. (CIRNE,1990)

Mas a massiva recepção dos quadrinhos pelo público brasileiro veio através do *Suplemento Juvenil* organizado por Adolfo Aizen, entre 1933 e 1934, e foi através dele que os brasileiros conheceram muitos dos personagens americanos, que até hoje ainda são lembrados como Flash Gordon, Mandrake, Jim das Selvas e outros (CIRNE, 1990, p. 23). Já no início dos anos 1940, vimos a chegada da *Classic Illustrated* no Brasil conhecida como Edição Maravilhosa, em que víamos as primeiras adaptações de clássicos mundiais, mas que tiveram adaptações brasileiras através da EBAL (Editora Brasil-América Limitada) criada também pelo jornalista Adolfo Aizen.

Sobre esse período, Cirne (1990) destaca o que considera ser uma limitação da capacidade expressional de uma HQ. Segundo este autor, “No final da maioria dos volumes vinha a seguinte nota editorial”:

As adaptações de romances ou obras clássicas para a EDIÇÃO MARAVILHOSA são apenas um ‘aperitivo’ para o deleite do leitor. Se você gostou, procure ler o livro em sua tradução e organize a sua biblioteca– que uma boa biblioteca é um sinal de cultura e bom gosto’. Apesar de bem intencionado, é um **aviso** – em sua formulação

– que compromete a possível força expressional dos quadrinhos (CIRNE, 1990, p. 32; negritos do autor).

Após esse momento, os quadrinhos norte-americanos da Marvel Comics e DC Comics tiveram uma crescente alta no Brasil, mas também as produções nacionais não ficaram de fora, principalmente nos anos 50, com Péricles Maranhão e seu *Amigo da onça*, que apesar de posteriormente não ser considerada história em quadrinho, deu uma relevante contribuição ao gênero. Millôr Fernandes também foi um dos principais arquitetos das histórias em quadrinhos junto a Carlos Estevão e criaram o famoso *Ignorabus*, o Contador de Histórias.

Mas foi nos anos de 1960 que surgiu um daqueles que seria o mais importante e prestigiado autor de até hoje em dia, Ziraldo Alves Pinto, com o seu tão renomado *Pererê*, que trazia a cultura brasileira de raiz com o índio ao folclore e ao cotidiano do país, estabelecendo referências explícitas e aproximações com acontecimentos importantes, como revoluções, copas de futebol e guerras. E o mais importante, a valorização da infância como etapa libertadora do homem.

Foi só então nos anos 70 que Maurício de Souza nos trouxe a *Turma da Mônica*, e mais de 50 anos depois ainda é uma rede de entretenimento infantil que não sai de moda.

Segundo Vergueiro e Ramos (2005), os estudos sobre quadrinhos no Brasil começaram através de Moacyr Cirne em 1970 e hoje a USP tem um laboratório dedicado só a esse gênero. Mas quando pensamos na ascensão dos quadrinhos nacionalmente, temos o PNBE como principal aliado. O Programa Nacional Biblioteca da Escola foi criado para distribuir livros não didáticos às bibliotecas de escolas públicas de todo Brasil, e desde 2006, existe uma categoria específica para os quadrinhos.

O impacto na área de quadrinhos no Brasil foi tão grande após sua inclusão no PNBE, que houve um aumento considerável na sua produção, principalmente nas adaptações de clássicos. Contudo, ainda é bastante forte a ideia equivocada de que o quadrinho é uma “ponte” para a “verdadeira” obra. Vale observar que um fator que tem ajudado no crescimento dos quadrinhos, também por causa do PNBE, pois muitas editoras desejam ser selecionadas para fornecer-los a esse acervo, é o cuidado com a qualidade do produto que elas estão desenvolvendo desde a tradução à parte visual.

Apesar do avanço dos quadrinhos ao longo dos anos ainda temos a forte ideia de que esse gênero é voltado só para crianças ou para pessoas com pouco letramento. No entanto,

Camila Camilotti e Elisângela Liberatti, em seu artigo “Desvendando os segredos da tradução de quadrinhos: Uma análise de Tradução de Romeu e Julieta, da turma da Mônica” (2012), trazem conceitos e exemplos de quadrinhos para públicos diversos, e ao falarem sobre os quadrinhos voltados ao público infantil menciona que *A turma da Mônica* é um dos mais famosos, por abordar temas educativos e criativos, e que fornece conteúdo ideal para esse público. Já para o público infanto-juvenil, quadrinhos como o *Zé carioca* torna-se mais interessante, pois traz críticas pontuais e ajuda o jovem a refletir sobre determinados temas. Para os jovens e adultos, as autoras citam o quadrinho *Mafalda*, que traz um conteúdo crítico e reflexivo, mas também quadrinhos de super-heróis por conterem temas como guerra, sequestro e sexo. Elas também trazem uma quarta categoria que seriam os quadrinhos de obras clássicas, que em sua maioria são projetos que ajudam os leitores a se sentirem mais próximos dessas obras ditas canônicas, mas sem perderem a essência que o texto original retrata. O tópico a seguir tratará do quadrinho *A Turma da Mônica*, foco desta pesquisa.

1.2 A turma da Mônica: um bestseller das HQs

No Brasil, um dos principais quadrinhos direcionados ao público infantil é *Turma da Mônica* de Maurício de Sousa. Para entendermos melhor o título do tópico, faremos uma breve contextualização da história de Maurício de Sousa e dessa turma.

Em 1954, Maurício de Souza começou sua carreira como jornalista policial no jornal *Folha da Manhã*, hoje conhecido como *Folha de S. Paulo*, mas desde antes já sonhava em ser desenhista e ter seus personagens publicados nos jornais de São Paulo. Contudo, foi só em 1959, quando já trabalhava na *Folha da Tarde*, mais uma divisão do jornal *Folha de S. Paulo*, que esse sonho começou a se realizar, com sua primeira tirinha publicada: *O Franjinha e Bidu* e eles foram os primeiros personagens da *Turma da Mônica* a surgirem. Logo após, apareceram as tirinhas do Cebolinha junto com Cascão e assim Cebolinha passou a ser o líder da turma ganhando a sua própria história com o *Jornal do Cebolinha*. Em 1963, fomos apresentados a menina que seria a mudança no mundo do desenhista: Mônica, que chega nos quadrinhos e conquista a criançada, o que faz logo Maurício trocar as tiras do Cebolinha para Mônica, se tornando assim *Turma da Mônica*. (Site Turma da Mônica, 1996)

As inspirações de Maurício vieram de muitas pessoas conhecidas do autor, e isso ele afirma numa entrevista para o *Diário do Limoeiro* (1996), Jornal eletrônico e fictício baseado no bairro em que se passam as histórias da Turma, na página oficial de a *Turma da Mônica*: “Da vida, do meu dia-a-dia, da minha vivência, das coisas que eu faço, das pessoas que me cercam. Muitos personagens, por exemplo, são baseados em gente que eu conheço, em amigos, parentes, meus filhos”.

Enquanto Mônica e sua turma eram consolidadas, Maurício criava outros personagens que trariam uma maior visibilidade e referência brasileiras para as crianças que o acompanhava. A exemplo disso tem *Turma do Chico Bento* (1982), que traz um menino que mora no interior de São Paulo e mostra muito da sua vida e costumes da fazenda. Também temos *Turma do penadinho* (1963) em que Sousa trouxe um pouco de como seria a pós-morte junto com personagens lendários do terror. Ainda temos *Turma do Papa-Capim* (1963) que apresenta a cultura do índio brasileiro com suas crenças e costumes, criando nas crianças uma identidade nacional diversa e conhecimentos do meio ambiente e também da fauna e flora brasileira.

No crescente desenvolvimento dessas histórias viu-se a necessidade de criar um grupo de roteiristas, e assim foram criados Os estúdios Maurício de Sousa, com a inclusão de novos projetos, a exemplo de desenhos animados, licenciamento de personagens e venda de quadrinhos para o exterior.

Nos anos que se sucederam, a *Turma da Monica* teve um crescimento exponencial e uma das principais áreas responsáveis por isso foi a publicitária. O primeiro contrato mais importante deu-se com as propagandas de molho de tomate com Mônica e Jotalhão, o elefante da *turma do Piteco*, mas também parcerias com Jogadores de futebol como Pelé, Ronaldinho gaúcho e Neymar Jr. Como afirma Mônica Sousa (2016), a revista eletrônica *Isto é Dinheiro*, “Em 2015, a *Turma da Mônica* era usada por quase 3 mil produtos de mais de 150 empresas.”

Com um crescimento alto e constante no Brasil, Sousa decidiu, nos anos 80, levar a *Turma da Mônica* para o exterior, inicialmente com o título de *Monica and Friends*, mas depois ficou conhecida como *Monica's gang*. Na verdade, Maurício de Sousa tinha como pretensão fazer com que esse quadrinho tivesse visibilidade mundial e levar a cultura brasileira principalmente às crianças estrangeiras.

Ao longo dos anos os estúdios Maurício de Sousa receberam muitos prêmios nacionais de literatura e Mônica junto com sua Turma chegou a se tornar símbolo da UNICEF no Brasil no início dos anos 2000. Com isso a sua visibilidade também ajudou no seu crescimento, estampando campanhas como o estatuto da criança e do adolescente, as campanhas contra a dengue e hoje em dia têm até outros personagens que fazem parte da campanha de inclusão social, uma parceira constante nessas divulgações é a Editora Globo, que já fez parcerias em a maioria dessas campanhas. Em 2015, Maurício de Sousa foi um dos homenageados do Prêmio Jabuti, importante prêmio literário de âmbito nacional.

Desde 2014, os Estúdios Maurício de Sousa estão renovando sua cara com novos projetos, como os quadrinhos *Turma da Mônica Jovem*, em formato de Mangá, que são quadrinhos de origem Japonesa, e que também fazem sucesso no YouTube como *Mônica Toy*, histórias curtas de 2 minutos, e que trazem a turma como bebês e sem fala. Já em 2018 começam as gravações do primeiro quadrinho Live-Action da turma, com o título *Laços*, que foi uma parceria entre os Estúdios Maurício de Sousa com a editora Panini, que construiu histórias originais da vida dos personagens. (Site Turma da Mônica, 2017) Então vemos que mesmo após 50 anos de fundação os estúdios continuam crescendo e se renovando.

No capítulo a seguir discutiremos acerca da relação entre tradução, quadrinhos e cultura.

2. TRADUÇÃO, CULTURA E QUADRINHOS

2.1. A influência da cultura no texto traduzido

Para iniciarmos este capítulo é importante lembrarmos do termo tradução no seu sentido mais amplo, e iremos começar discorrendo sobre aquele que é considerado como um dos grandes teóricos dos estudos da tradução, o linguista russo Roman Jakobson que foi um dos pioneiros a trazer a tradução como área de estudo para o meio acadêmico e ter um amplo trabalho com a comunicação e a linguística, vindo a realizar um estudo mais aprofundado sobre como ocorre a tradução entre línguas (interlingual), na própria língua (intralingual), e na relação de signos (intersemiótica). Logo ele ressalta que:

Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais. Essas três espécies de tradução devem ser diferentemente classificadas: 1) A tradução intralingual ou reformulação (re-wording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (JAKOBSON, 1959, p.63- 64)

Essas três maneiras de interpretação do fenômeno da tradução constituíram três conceitos primários que se tornaram o modelo teórico de comunicação mais utilizado para definir tradução. A tradução interlingual tem como principal conceito a tradução entre duas línguas, trazendo assim nomenclaturas como Língua-Fonte, a língua em que o texto de origem está inserido, e Língua-Alvo, no qual consiste na língua em que o texto será traduzido. Sobre a tradução interlingual, Jakobson traz ainda que:

No nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras. (JAKOBSON, 1959, p.65)

Recorremos também à reflexão de Oustinoff (2003), que mostra em seu estudo que atualmente ainda existe uma grande discussão quanto à tradução tendenciosa sobre a Língua-Fonte e a Língua-Alvo. No segundo caso, Pró-Alvo, o tradutor tenta favorecer a cultura de chegada e seus costumes, podendo omitir ou traduzir de forma diferente; e no primeiro caso,

Pró-fonte, o tradutor pensa como o autor escreveu, foca nesse aspecto e não faz interferências no texto. Assim sendo, Oustinoff retoma uma denominação adotada por Nida (1964), na qual existem dois tipos de equivalência: equivalência formal, que traduz mecanicamente a forma do original; e equivalência dinâmica, que transforma o texto de maneira a produzir o efeito da Língua-Alvo. Esse dois autores trazem as primeiras discussões quanto à tradução e à cultura.

Bassnett (1991) e Hawkes (1977) mostram em suas contribuições a tradução cultural, e que a tradução é um processo pertencente à Semiótica, esta tendo como conceito o estudo dos sistemas de sinais, seus processos e suas funções. Sendo assim, ao fazer um trabalho de tradução, o tradutor deve os dois lados da moeda: a da língua e a da cultura.

De acordo com o Michaelis (2010, p.245), cultura tem duas fontes de conceito: a biológica e a antropológica; no segundo conceito, que seria mais apropriado para este trabalho,

Cultura é o conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social. Ou o conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria. E ainda seria o requinte de hábitos e conduta, bem como apreciação crítica apurada.

Então, quando falamos em Tradução Cultural, para um aprofundamento ser mais evidente quando lembramos o conceito de Nida (1964) sobre equivalência (mencionado acima), e o de Bassnett (1981) ao falar que a língua e a cultura são, respectivamente, o coração e o corpo do texto, e só a junção das duas é que trará a energia-vital, lembrando o tradutor que não se deve tratar o texto isolado de sua cultura, pois isso o colocará em perigo.

Pensando que a equivalência terá momentos de perda e ganho seja na língua-alvo ou na língua-fonte, Hawkes (1977) fala sobre a construção e reconstrução de sentidos para leitura de significados:

O primeiro passo para um exame no processo de tradução deve ser aceitar que embora o núcleo central da tradução esteja na atividade lingüística, pertence mais corretamente à semiótica, a ciência que estuda sistemas de sinais ou estruturas, processos e funções de sinais. (HAWKES apud BASSNETT, 1991, p. 13)

Logo, o sentido de uma tradução não vem só do que as palavras significam linguisticamente, mas também como essa tradução faz sentido para o leitor-alvo. Vale observar que, muito da cultura de um povo vem da sua religião. Então, ao se deparar com obras estrangeiras, que têm um discurso não muito comum ao público de outra cultura, o sucesso dessas obras podem não ter o sucesso esperado. Desta forma, tradutores e editoras devem considerar as questões culturais em tradução.

Reiss e Vermeer (1984) afirmam que a tradução é uma transferência transcultural e que o tradutor deve ser bi-cultural, senão multi, e assim ter domínio de muitas línguas, pois elas são parte intrínseca da cultura, além de sua abordagem ser dinâmica, por ter situações relativas.

Como não podemos dizer que um dado texto é um texto pragmático, um pedaço de propaganda, mas que apenas pretende ser um, é entendido, traduzido ou interpretado enquanto temos de escolher uma maneira mais dinâmica de organizar as palavras e dizer que a decisão depende do objetivo da tradução. (REISS E VERMEER, 1984, p. 29)

Então, podemos concluir que o tradutor deve pensar no sentido, na criação e na cultura, e assim fazer a ponte entre a língua e os diferentes universos. Todo autor, ao escrever sua obra, tem ideias específicas para cada momento, e o porquê daquelas palavras e construções estão naquele momento. Para a tradução, essa construção abre margem para muitas formas de como levar aquele texto para outras línguas, então cabe ao tradutor ver o que será mais conveniente a cada um dos lados, seja sem esquecer as ideias do autor do texto-fonte, seja sempre lembrando em que tipo de cultura aquele público ou faixa etária está inserido.

2.2. O elemento cultural nas histórias em quadrinho

Ao serem construídos, os quadrinhos têm como uma das principais características a sequência e o tempo cronológico em que a história é contada, uma vez que, toda a trama deve se passar no tempo indicado. Então, ao transpor de uma língua para outra, o tradutor precisa ter uma sensibilidade não só com o texto, mas para a imagem que será transmitida. Sendo assim, Arrojo (1986, p. 40) acredita que

(...) é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. Além disso, como sugeriu o teórico francês Roland Barthes, qualquer texto, por pertencer à linguagem, pode ser lido sem a "aprovação" de seu autor, que pode apenas "visitar" seu texto, como um "convidado", e não como um pai soberano e controlador dos destinos de sua criação. (...) O autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para construir uma interpretação coerente do texto.

A principal discussão quanto à tradução, não só de quadrinhos, mas de qualquer outro gênero, é de como essa tradução deve chegar à outra cultura. Britto (2012, p. 37) esclarece que:

A fidelidade absoluta é uma meta perfeitamente válida, ainda que saibamos muito bem que, como todos os absolutos, ela jamais pode ser atingida. O tradutor responsável é aquele que, com os recursos de que dispõe e com as limitações a que não pode escapar, produz um texto que corresponda de modo razoável ao texto original.

Britto (2012, p. 37) acredita que "o tradutor tem a obrigação de se esforçar ao máximo para aproximar-se tanto quanto possível da inatingível meta de fidelidade, e que ele não tem o direito de desviar-se desse caminho por outros motivos".

Ainda neste aspecto, Silva (2013, p.99) estabelece critérios que possam apontar para uma tradução satisfatória, e tenham como base os elementos principais daquilo que se está traduzindo. No caso das HQs, esses elementos são basicamente:

- balões, recordatórios, texto, onomatopeias, planos, figuras cinéticas, metáforas visuais;
- O gênero HQ, como interação entre texto e imagem, considerando-se esta interação do ponto de vista da "arte sequencial";
- Aspectos culturais; Humor;
- Mitologia das personagens e do chamado "universo" das HQs, muitas vezes confundido com o "universo" de uma determinada editora;
- Procedimentos técnicos;
- Recurso à estrangeirização e domesticação;
- O texto propriamente dito, com os obstáculos à tradução e sua possível resolução.

Esses tópicos contribuem para uma direção mais coesa quanto à tradução e o que devemos nos importar mais ao traduzir os quadrinhos, pois além da língua esse gênero tem uma temática visual que deve se dar uma ênfase ainda maior, pois as imagens são quem faz a história e o entendimento disso irá mensurar se ele terá sucesso ou não. Dentro das imagens vem uma carga de conhecimento que por vezes não é citada na fala, então cabe ao tradutor observar como isso será traduzido, por exemplo, no aspecto cultural, como seria a construção folclórica de o boitatá em língua inglesa. Conforme Camilotti e Liberatti (2012, p. 99),

Nesses casos, é necessário que o tradutor procure adaptar imagem/o texto para a cultura de chegada. O problema é que, muitas vezes, editoras não estão dispostas a modificar o texto não verbal, pois mudanças editoriais exigem custos e tempo extras. Com isso, normalmente o tradutor deve resolver as dificuldades pelas quais passam somente adaptando o texto verbal e deixando o texto não verbal inalterado.

Ainda neste sentido, Britto (2012, p. 55) fala sobre os limites do tradutor, principalmente os pessoais, pois as traduções podem chegar a um ponto que é referência do autor e o tradutor não poderá passar desse limite:

Em suma: cabe ao tradutor, dentro dos limites do idioma com que trabalha, e de suas próprias limitações pessoais, produzir na língua-meta um texto que seja tão próximo ao texto-fonte, no que diz respeito às suas principais características enquanto obra literária, que o leitor de sua tradução possa afirmar, sem estar mentindo, que leu o original. (...) Como já vimos, quando afirmo que li uma obra originariamente redigida numa língua que desconheço, pressupõe-se que eu a tenha lido em tradução e nesses casos presume-se também que ler a tradução é ler o original.

A tradução não é só transcodificação, mas também o sentido que o autor traz para aquele texto. Se não for assim o tradutor pode ter interpretações errôneas de acordo com o seu ponto de vista. A cultura, portanto, sempre irá influenciar nas decisões do tradutor. Conforme Agra (2007):

A cultura permite intuir, reconhecer, experimentar ou investigar os hábitos lingüísticos e extralingüísticos, as idiosincrasias e os mecanismos inconscientes que podem estar por detrás da produção e recepção do texto de partida e do texto de chegada.

Portanto, vemos que os elementos culturais de uma história em quadrinhos tem uma vasta conotação não só escrita, mas também, senão mais importante, visual. Sua estrutura

composta por imagens e falas traz uma carga maior de culturalidade. Aqui o tradutor tem que ter uma atenção a mais, pois ao traduzir palavras a imagem tem que acompanhar essa ideia e transparecer esse conhecimento da cultura-fonte e transmite-la para a cultura-alvo sem deixar o leitor perdido em sua leitura.

3. A CULTURA BRASILEIRA EM *MONICA'S GANG*

3.1. Análise dos quatro principais personagens de *a Turma da Mônica*

Como vimos no capítulo 1.2, Maurício de Sousa começou sua vida de desenhista a partir da divulgação das tirinhas de Bidu e Franjinha no *Folha da Tarde*, em 1959, formando assim toda uma comunidade de crianças desse bairro fictício, O limoeiro.

Mauricio de Sousa, ao criar *A Turma da Monica*, trouxe com ele muitas inspirações do que ele próprio viveu na sua infância, mas principalmente na infância de seus filhos. O que mais chama a atenção em seus personagens é a peculiaridade de cada um deles e é isso que traz todo o diferencial em suas obras.

A Turma da Mônica é composta por quatro personagens principais: Mônica, Magali, Cascão e Cebolinha; todos têm por volta dos oito anos de idade e moram no bairro do Limoeiro, bairro fictício que remetia ao bairro em que o próprio autor viveu sua infância em Cambuí – SP (SOUSA, 2017).

A personagem principal é Mônica. Além de levar o nome do quadrinho, Mônica é uma homenagem do autor a sua própria filha, que quando criança tinha características bem parecidas com as da personagem. Dentre as características principais estão a sua vestimenta composta por seu vestido vermelho e os pés descalços, e também seu coelho de pelúcia azul, Sansão. Mônica tem personalidade forte, e quando provocada briga com seus provocadores ao ser chamada por nomes como “gorducha” e “dentuça, mas nada se compara quando seu coelho de pelúcia é “roubado” pelos meninos do bairro, que ao desaparecer, ela já sabe de seu paradeiro, e então se forma a típica brincadeira de crianças entre meninos e meninas, brincadeira esta que assim que começam a brincar logo estão brigando.

Mas Mônica não está sozinha, ela tem a melhor amiga, Magali, que é uma típica criança em fase de crescimento, e que não recusa nada relacionada à comida, passando o dia todo comendo; ela ainda pede um “teco”, palavra usada por Magali com a intenção de sempre pedir um pedaço as pessoas que via comendo. Sempre com uma melancia na mão, sua fruta favorita, ela é mais relaxada do que Mônica com relação aos meninos, mas esta para ajudar sempre que pode.

Além de Mônica e Magali, temos a dupla dos ‘planos infalíveis’ composta por Cebolinha e Cascão. Cebolinha traz o seu significado por ter cabelo ralo de cinco fios, representando uma cebola descascada; ele é o chefe e inventor dos planos que são mais para implicar com Mônica do que realmente pegar o seu coelho, o que acaba sempre deixando-o com um olho roxo. Toda essa implicância que ele tem com Mônica surgiu por ela ao chegar no bairro tomar seu tão prestigiado “cargo” de Dono da Rua. Isso porque, no início das histórias da *Turma da Mônica*, os quadrinhos tinham o nome de “Cebolinha” em suas capas, mas ao ser criada, Mônica passou a ter uma visibilidade maior como personagem, e foi por isso que decidiram trocar o nome do quadrinho por “Mônica” e mais tarde por *Turma da Mônica*, que como sabemos, não só tem histórias da Mônica, mas também de outros personagens, incluindo Cebolinha. Outra característica importante de Cebolinha e que interfere, de forma positiva no texto, é a troca das letras R por L, palavras como “prato”, ele troca por “plato”. Por gostar de insultar Mônica, sempre que pode, ele usa palavras como “gorducha”, que por causa desse problema de dicção torna-se “golducha”. Esta troca que acontece na sua fala é comum entre as crianças de sua idade (por volta dos oito anos), e é chamada de dislalia, e faz com que as pessoas troquem essas duas letras. Cebolinha, a exemplo de Mônica, também tem seu fiel escudeiro, Cascão, que mesmo já sabendo que algo não vai dar certo, aceita participar sem contestação de todos os planos com o seu grande amigo. Cascão, que também traz um grande significado no nome, não gosta de ver água, principalmente no banho, detestando-o, e isso é identificado à distância por causa do seu cheiro.

Vemos que em seus quadrinhos Sousa coloca muito de sua infância e convivência familiar nessa fase. Hoje ele tem 10 filhos e todos, sem exceção, têm seus personagens em suas histórias, com características físicas e psicológicas. Temos as já citadas Mônica e Magali, mas também temos Marcelinho, Prof. Spada, Do contra, Nimbus, Valéria e Vanda (Gêmeas), Maria Cebolinha e Marina. Um dos personagens mais conhecidos é Chico Bento, também faz parte da família real do autor; ele é inspirado em um tio-avô, como afirma o próprio autor: “Chico é uma *montagem de características que vi e vivi* na minha infância, nas cidades de Mogi das Cruzes e Santa Isabel. Bem na área do Vale do Paraíba. [...] Chico Bento é [...] um tio-avô meu, *roceiro* da região do Taboão [...]” (SOUSA, 2002).

Os quatro personagens acima descritos apresentam características fortemente presentes em crianças que têm a faixa de idade deles. Vale salientar que sempre há alguma criança que se identifica com algum desses personagens. O mais interessante é que as histórias remetem a algum tipo de situação que faz parte do universo das crianças, ou seja, a forma como elas se relacionam, o que elas fazem, como resolvem seus problemas entre si, e como a amizade e a compreensão estão acima de tudo.

Além de características mais óbvias desses personagens, como ter momentos em que estão todos brincando e por pequenos atritos começam a brigar, e dali a alguns minutos já estão brincando de novo; ou ter um amor grande por seu brinquedo favorito até chegar a implicância entre meninos e meninas. Temos algumas mais visíveis, em alguns momentos, como a troca de letras (o R pelo L) na fala de Cebolinha ou as formas e gírias, como “teco” que Magali tanto fala, usadas por outros personagens, até mesmo paisagens descritas, como as que têm em cima dos quadrinhos antes de começar a história. Para a tradução, essas mudanças trazem uma dicotomia, principalmente falando de cultura, e construção do que está sendo passado na história. Pensando também em história em quadrinho, e por ser um recorte da vida dos personagens, muitas vezes ela traz um significado de algum episódio anterior àquele.

O item a seguir consistirá da análise dos personagens e das características presentes ou não que foram carregadas para a tradução dos mesmos, teremos a ajuda de alguns conceitos e de fontes do próprio autor para essa análise.

3.2. Marcas culturais de a *Turma da Mônica* em *Monica's gang*

O Brasil é conhecido pelo seu vasto acervo cultural, a miscigenação apresentada traz uma diversidade incomum na maioria dos países do mundo. Então, ao termos uma fonte de entretenimento que faz um sucesso tão grande em todo o país, e quando isso é voltado para crianças, fica ainda mais impressionante a carga de responsabilidade e competência, e isso é o que faz os Estúdios Maurício de Sousa, ou Mauricio de Sousa Produções, no Brasil. Além de trazer esse protagonismo das crianças, ainda mostra a cultura brasileira na forma mais sutil e de auto-identificação que não sai do atual, por sempre se preocupar com essa modernização que acontece dia após dia.

Então quando de um lado temos esse trabalho todo pensado para crianças brasileiras, do outro temos a distribuição deste para o mundo, então vem questionamento sobre como a nossa cultura foi apresentada, o que permaneceu e o que foi preciso substituir ou até mesmo eliminar marcas culturais. E quanto aos nossos personagens, houve mudanças? Quais?



Figura 1: Sousa, 1999.

Na figura 1, temos um exemplo clássico de uma tirinha de Mônica e Cebolinha juntos. Durante sua fala Cebolinha traz a típica troca de letras do R pelo L nas palavras “Apeltasse” e “olelhinha”, respectivamente, “apertasse” e “orelhinha”. Aqui o que acontece no português (como dito anteriormente) é o que se conhece por dislalia, que é um distúrbio da fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, e frequentemente acontece com quem tem a língua presa. Na tradução da dislalia para o inglês (figura 2) tiveram que ser buscadas alternativas que se assemelhassem a essa condição de fala em contexto infantil. Assim descobriu-se a construção da troca do R pelo W, que trouxe não só a característica principal do personagem, mas também se manteve a sonoridade da pronúncia dessas letras já conhecida do público.

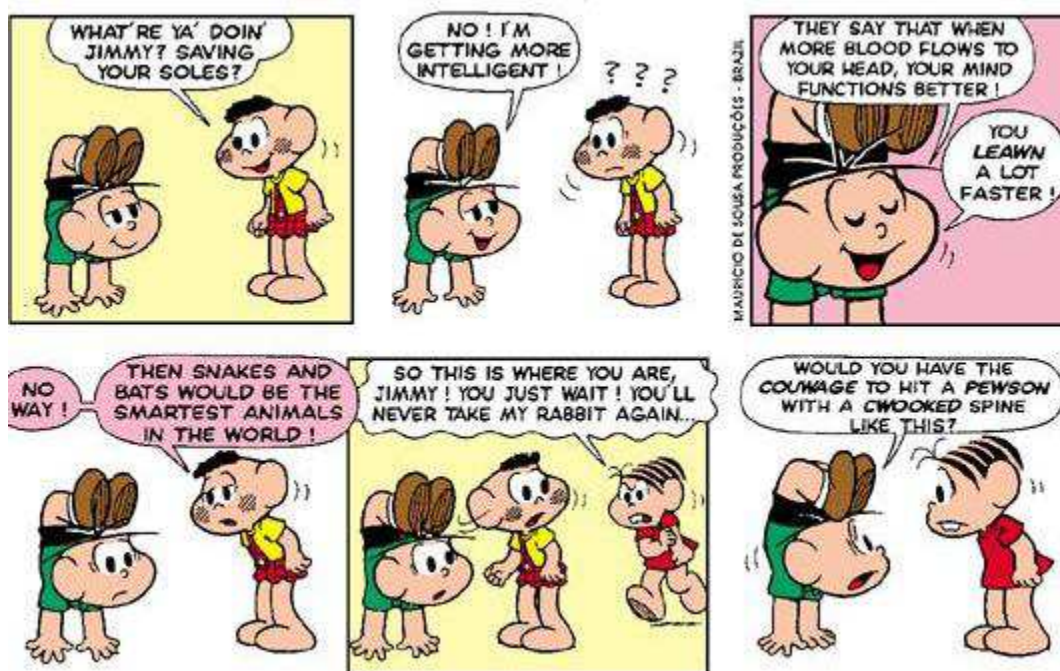


Figura 2: Sousa, 1999.

A Figura 2, último balão, nos mostra a fala de Cebolinha no inglês com a troca de “Person” (Pessoa) e “Crooked” (Torto) por “Pewson” e “Cwooked”. A dislalia de Cebolinha também traz aqui a dificuldade de pronunciar o R, algo temporário por ele ainda ser uma criança de oito anos. Ao se tornar adolescente, ele perde, em parte, esse problema de troca de letras, vindo a acontecer só em momentos em que ele fica muito nervoso, como vemos o exemplo na tirinha do Monica Jovem, Figura3 (abaixo).



Figura 3: Sousa, 2012. p. 75.

Outra mudança que vemos no Cebolinha, na tradução para o inglês, é no seu nome, não só dele, mas a maioria dos personagens tiveram seus nomes alterados. Logo, ele recebeu o nome de Jimmy Five, referente à gíria "Gimme Five" ou "Give me Five" ou "High Five", que vem exatamente da forma de falar do personagem, e também da sua característica física, por ter cinco fios de cabelo. Pela personalidade de menino brincalhão e leve de Cebolinha, a gíria se encaixa perfeitamente, e assim condiz ao nome que em todas as vertentes, física (cabelo) e psicológica (dislalia) faz jus ao seu personagem. Esse tipo de referência pode ser explicado por Schleiermacher (2001) quando ele afirma em seu texto intitulado *On the Different Methods of Translating* (Sobre os Diferentes Métodos de Tradução), que um idioma pode ser enriquecido com a importação de elementos estrangeiros. Também temos aqui uma explicação da mudança radical do nome do personagem, segundo o próprio criador da obra:

O Cebolinha na Itália não ficou tão difícil. Cipollino lembra o original em português. Em espanhol também não foi tão diferente: Cebollita. Mas e em inglês? Little Onion (pequena cebola?). Não tem nada a ver. Foi quando a Maura, minha irmã e responsável pelo nosso escritório em New York, sugeriu uma solução: como o Cebolinha tem cinco fios de cabelo, poderia ser "rebatizado" como Jimmy Five. Mas por que esse nome? Para que cada vez que um "kid" (garoto) cumprimentasse

outro com aquela célebre batida de mãos abertas, falando “give me five”, lembre-se nosso personagem. (SOUSA 1998, p.1)

Quanto à Magali, ela é uma personagem com muitas características importantes, que ao serem traduzidas, trouxeram com ela, por exemplo, sua amizade com Mônica e seu amor por animais e, a principal delas, a comilança. A personagem Magali foi construída com base em características que Maurício de Sousa via em sua filha criança, que também se chama Magali, e essa peculiaridade era sua marca forte. Ao ser traduzida para o inglês, Magali se tornou Maggy (Figura 4). Mais uma mudança ou adição interessante nessa personagem é a visão de mundo que ela tem, mesmo sem ir a qualquer lugar, e isso traz um pouco da identificação pessoal entre personagem e leitor, pois ao mencionar outros lugares, crianças estrangeiras irão se identificar e se familiarizar com a personagem. Essa característica de visão de mundo pode ser encontrada também em outros personagens, mas de acordo com as características de cada um e de Magali, isso fica mais evidente por causa do quadrinho selecionado.

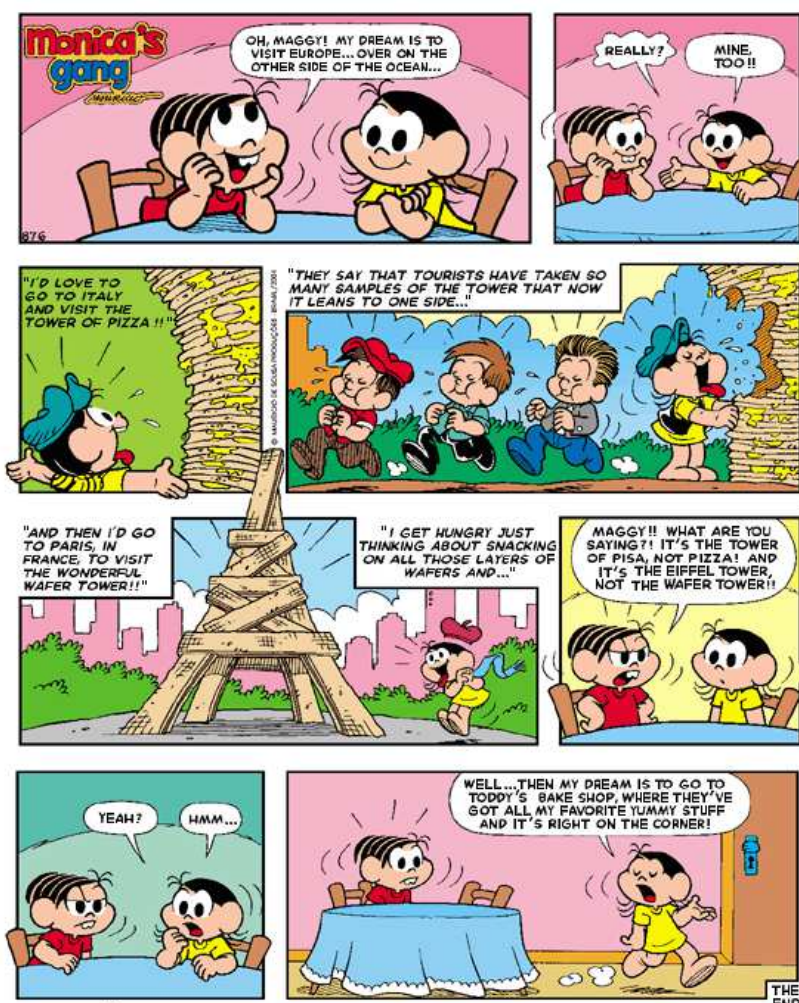


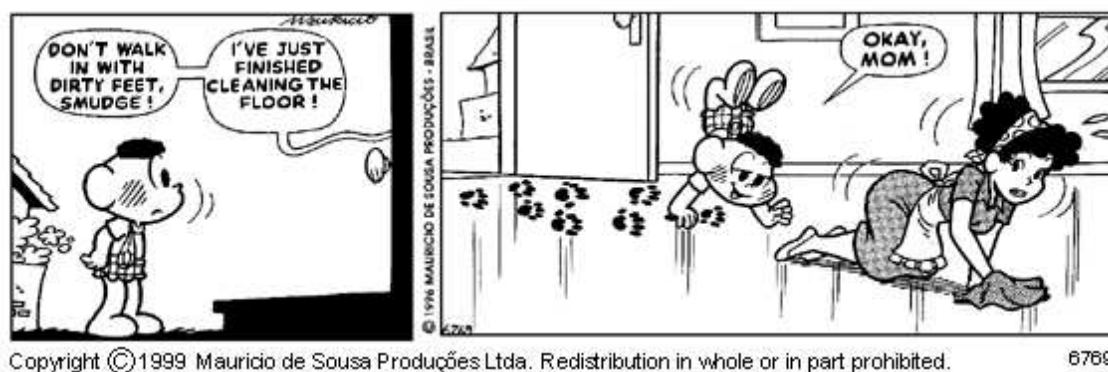
Figura 4: Sousa, 2000.

Após conhecermos as características inerentes a esses dois personagens (Cebolinha e Magali), chegamos em Cascão, que ao ser traduzido, passou a ser Smudge, que seria bem próximo ao seu nome de origem e a sua principal característica, não gostar de tomar banho. Na infância sempre tem aquela criança que briga e faz birra para não tomar banho e é assim que Maurício quis trazer essa característica para Cascão. Apesar de haver questionamentos acerca dessa marca em Cascão, sobre se seria uma característica interessante de ser marcada, por causa de sua carga negativa para as crianças e até desenvolver a questão do *bullying*, ele sem dúvida está bem representado, pois, junto com Cebolinha, vemos um dos maiores nortes das histórias da *Turma da Monica*, a amizade, e eles trazem isso fortemente em seus personagens. A forma como ela é retratada nos quadrinhos mostra o quanto isso é valorizado

pelo autor. Sabemos que Jimmy Five e Smudge são melhores amigos e que em cada quadrinho existe esse momento forte de amizade, principalmente com os planos infalíveis para roubar o Samsan (Sansão) que coelhinho de pelúcia da Monica.



Figura 5: Sousa, 2004.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Redistribution in whole or in part prohibited.

8769

Figura 6: Sousa, 1999.

A quarta e última personagem é a nossa principal, Mônica, por ter o seu nome no título do quadrinho. Ao ser traduzida para a língua inglesa houve apenas a mudança de acentuação no nome, tornando-se Monica sem o acento circunflexo. A exemplo de Magali, ela também foi inspirada em uma das filhas do autor, que também se chama Mônica, e que quando criança adorava usar um vestido vermelho e andar de pés descalços. Além de ser muito briguenta com as crianças que queriam pegar seu bichinho de pelúcia. Monica, na verdade, é uma personagem querida e amiga; ela e Magali trazem essa característica de se protegerem e se

ajudarem. E essa característica permaneceu nas traduções, mesmo em momentos tranquilos a personagem traz a carga forte e que os meninos têm medo.

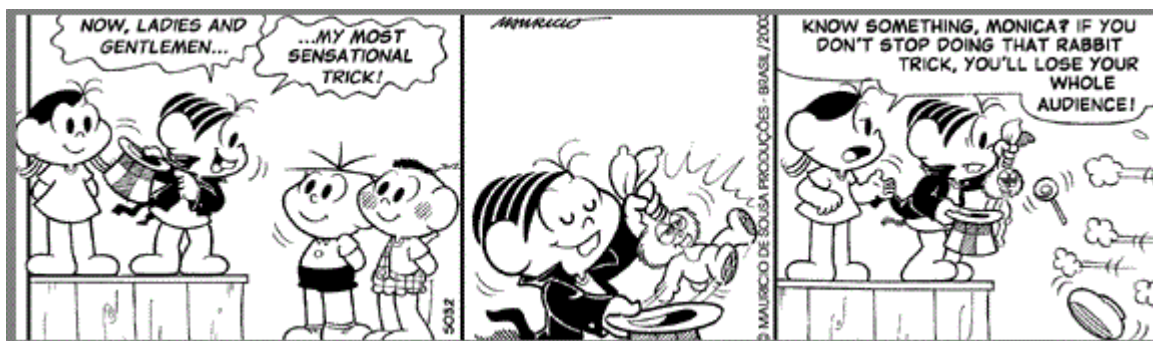


Figura 7: Sousa, 1999.

Podemos ver que, mesmo com características marcantes e peculiares dos personagens, o tradutor tenta ser o mais fiel possível ao texto de Mauricio de Sousa, mas pode ter um ou outro quadrinho em que a tradução terá uma carga cultural mais alta e o tradutor terá uma dificuldade maior de identificar a melhor forma de transferir para a língua inglesa.

Um ponto importante e que vem muito na cultura brasileira, pelo menos dentro da ideia que o quadrinho passa, é que uma porcentagem alta da história se passa fora de casa, nas ruas do bairro, e isso se torna um ponto importante para o quadrinho, pois o cenário sempre é bastante arborizado, ou com grama; uma vez ou outra temos um muro. Essa característica traz um efeito cultural interessante, pois apesar de ser comum, ou pelo menos era antes de toda a violência que existe hoje, pode ter uma identificação ou não com as crianças, pois ~~tem~~ há países que assim como nossos personagens, as crianças brincam na rua por horas, mas também há países que brincar na rua não existe, seja por cultura seja por não ser comum no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco as histórias em quadrinhos produzidas por um dos maiores desenhistas do Brasil, Maurício de Sousa. A *Turma da Mônica*, seu principal produto, ganhou imensa visibilidade com o passar dos anos. Desde 1959 as histórias das crianças do bairro do Limoeiro têm atravessado gerações, até que houve a necessidade, nos anos 80, de expandir essas histórias de amizade e travessuras para o mundo, e com elas traduções já consolidadas.

Vimos que muitas características das quatro principais personagens da história foram mantidas, mostrando que, mesmo sendo lida em países de língua inglesa, as crianças de culturas totalmente diferentes daquelas da cultura brasileira, ainda se identificam com tais personagens, e um exemplo disso é o personagem Smudge (Cascão), que dentro do seu grupinho, é o único que não gosta de tomar banho, e essa característica permaneceu por ser algo universal, pois em qualquer grupo de colegas que tenham a mesma faixa etária desses personagens, geralmente há pelo menos um que também não gosta de tomar banho. Mas também conhecemos Maggy (Magali) com sua comilança, Jimmy Five (cebolinha) com seus planos infalíveis, e Monica, a briguenta, que tem um carinho enorme por seu brinquedo favorito (Samsan) e que jamais o divide com ninguém. Então essas e outras peculiaridades dos personagens não foram modificadas ao serem transpostas para a língua inglesa, por terem a mesma identificação com as crianças que falam esse idioma.

A cultura apresentada no trabalho teve como objetivo trazer essas respostas quanto à tradução. Então vimos que apesar de marcas culturais que os quadrinhos apresentam, não chega a afetar tanto na hora da tradução, mas isso não quer dizer que em algum momento foi preciso omitir ou mudar características seja de fala ou personalidade para melhor encaixar na cultura do outro.

A análise nos ajudou a concluir pontos positivos, pois o tradutor não precisou fazer mudanças significativas e o quadrinho não perdeu sua originalidade.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Francis Henrik. **Os desafios da tradução cultural**. USP, São Paulo, 1995.
- AGRA, K. L. de O. A integração da língua e da cultura no processo de tradução. (2007). **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf. Acesso: 27/06/2018
- BAHIA, Marcio. **A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada**. Pucrs, Porto Alegre, 2012
- BASSNETT, Susan. **Translation Studies**. Routledge. New York, 1980.
- BRAGA, Flávio. PATATI, Carlos. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma cultura popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CIRNE, Moacy. **História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Europa & FUNARTE, 1990.
- CAMILOTTI, Camila Paula e LIBERATTI Elisângela. **Desvendando os segredos da tradução de quadrinhos: uma análise da tradução de *Romeu e Julieta*, da Turma da Mônica**. *Belas Infêis*, 2012.
- DINIZ, Thais Flores Nogueira e FIGUEIREDO, Camila Augusta Pires de. **História de quadrinhos no Brasil: Traduzindo a história**. Bluntcher Arts Proceedings, 2015.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1974.
- LIBERATTI, Elisângela e AIO, Michelle de Abreu. **Questionando a funcionalidade das traduções do Chico Bento para o inglês**. Revista Domínio de Lingu@gem, v.9 n. 5. Ubelândia, 2015.
- OUSTINOFF, Michael. **Tradução: história, teorias e métodos**. Parábola. São Paulo, 2011.
- SOUSA, Mauricio. **Nomes, nombres e names**, 1998. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/cronicas/nomes-nombres-e-names/>. Acesso em: 14 abr. 2018
- SITE TURMA DA MÔNICA. Disponível em: <www.turmadamonica.uol.com.br>
Acesso: 20/05/2018

FIGURAS

Figura 1:

<<http://2.bp.blogspot.com/Y9on2JMmO4g/UpKK882A90I/AAAAAAAAAtM/RLJVknzeVTM/s640/cebola.jpg>>. Acesso: 02/05/2018

Figura 2:

<http://1.bp.blogspot.com/ySKya3kNh3A/TpsOOXzGR8I/AAAAAAAAAAs/AjbFV5o8q1E/s1600/cartoon-monica1.jpg>. Acesso: 15/05/2018

Figura 3:

<https://image.slidesharecdn.com/tmj20-140909002530-phpapp02-160313220022/95/turma-da-monica-jovem-edio-20-73-638.jpg?cb=1457906752>. Acesso: 03/05/2018

Figura 4:

<https://i.pinimg.com/originals/df/f4/17/dff417b6d443db0c530132ff290292f2.png>. Acesso: 03/05/2018

Figura 5:

<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTzEY7bPhz8o-H9TBliIDKplXcglzARz3-ukNjl6yCXpZDLEOLXn3Q>. Acesso: 04/05/2018

Figura 6:

http://1.bp.blogspot.com/wLV_T415f8E/Tf7X34AIEZI/AAAAAAAAAaY/sjo7Zz8ayy0/s1600/tira3.gif. Acesso: 04/05/2018

Figura 7:

<https://colorindonuvens.files.wordpress.com/2012/05/tira3321.gif>. Acesso: 04/05/2018